

## **A HISTÓRIA DA MULHER NO JORNALISMO BRASILEIRO**

### **THE HISTORY OF WOMEN IN BRAZILIAN JOURNALISM**

#### **Bruno Leal**

Bacharelado em Jornalismo pelo Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (UNIFATEC)

Instituição: Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (UNIFATEC)

Endereço: 449, R. Itacolomi, Portão, Curitiba - PR, CEP: 81070-150

E-mail: bruno66907@unifatecpr.com.br

#### **Gabriela de Fátima Oliveira**

Bacharelado em Jornalismo pelo Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (UNIFATEC)

Instituição: Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (UNIFATEC)

Endereço: 449, R. Itacolomi, Portão, Curitiba - PR, CEP: 81070-150

E-mail: gabriela48994@unifatecpr.com.br

#### **Luan Marcos Gomes**

Bacharelado em Jornalismo pelo Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (UNIFATEC)

Instituição: Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (UNIFATEC)

Endereço: 449, R. Itacolomi, Portão, Curitiba - PR, CEP: 81070-150

E-mail: luan82908@unifatecpr.com.br

#### **Marianne Kawano Sumie**

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Engenharia Elétrica e Informática Industrial pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Instituição: Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (UNIFATEC)

Endereço: 449, R. Itacolomi, Portão, Curitiba - PR, CEP: 81070-150

E-mail: marianne.sumie@unifatecpr.com.br

### **RESUMO**

O artigo aborda a evolução da presença feminina no jornalismo brasileiro, destacando a lenta conquista de espaços ao longo do tempo. Inicialmente exclusivo para homens, o mercado jornalístico começou a receber mulheres por iniciativa própria, como Maria Josefa Pereira Pinto, a primeira jornalista brasileira. Nas décadas seguintes, surgiram pioneiras como Eugênia Álvaro Moreira e Helle Alves, desbravando áreas antes reservadas aos homens. A inserção feminina nas redações aumentou gradativamente, com mulheres ocupando cargos de destaque e sendo reconhecidas por seus trabalhos. Em 1986, as mulheres já representavam 36% dos jornalistas, crescendo para 40% uma década depois. O rádiojornalismo, historicamente resistente à presença feminina, viu uma mudança significativa, atingindo 64% de mulheres em 2015. No telejornalismo, a década de 1960 e a de 1990 marcaram períodos de "feminização", com mulheres assumindo papéis importantes. Marília Gabriela foi a primeira âncora de telejornal em 1988, e a década de 1990 testemunhou a ascensão de figuras como Sandra Annenberg e Maju Coutinho. Contudo, apesar do aumento numérico, persistem desafios relacionados à igualdade de condições e salários, conforme apontado por especialistas.

**Palavras-chave:** Mulheres no jornalismo, Inserção feminina nas redações, Gênero e mídia.

## **ABSTRACT**

The article addresses the evolution of women's presence in Brazilian journalism, highlighting the gradual conquest of spaces over time. Initially exclusive to men, the journalistic market began to welcome women through their own initiatives, such as Maria Josefa Pereira Pinto, the first Brazilian journalist. In the following decades, pioneers like Eugênia Álvaro Moreira and Helle Alves emerged, breaking ground in areas once reserved for men. Female integration into newsrooms increased gradually, with women taking on prominent roles and being recognized for their work. By 1986, women already represented 36% of journalists, growing to 40% a decade later. Radio journalism, historically resistant to female presence, experienced a significant change, reaching 64% women in 2015. In television journalism, the 1960s and 1990s marked periods of "feminization," with women assuming important roles. Marília Gabriela became the first news anchor in 1988, and the 1990s witnessed the rise of figures like Sandra Annenberg and Maju Coutinho. However, despite numerical growth, challenges related to equality in conditions and salaries persist, as highlighted by experts.

**Keywords:** Women in journalism, Female inclusion in newsrooms, Gender and media.

## **1 INTRODUÇÃO**

Durante muito tempo, o mercado de trabalho jornalístico foi um local exclusivamente masculino. Segundo um relato de José Hamilton Ribeiro, em meados da década de 1930, no Brasil (Casadei, 2011).

A mulher passou a ter espaço na imprensa brasileira, assim como na norte-americana, a partir de sua própria iniciativa. No Brasil, a primeira jornalista foi Maria Josefa Pereira Pinto (1787-1837), que criou o jornal legalista “Bellona Irada” (Leite, 2019).

Depois deste, tivemos o “O Sexo Feminino” (1873-1874), de Francisca Senhora Mota Diniz; “O Ecrínio” (1864-1935), de Andradina de Oliveira; e “Corymbo” pelas irmãs Revocata Eloisa de Melo e Julieta de Melo Monteiro. (Leite, 2019).

A partir dos anos 30, mulheres passaram a serem vistas como possíveis consumidoras de conteúdo impresso, e algum material começava a ser produzido para o público feminino (França, 2013 (Kobori, Pádua, 2016)).

O veículo escolhido foi a revista, mas as matérias que envolviam o público feminino poucas vezes tratavam de interesses gerais, e boa parte das matérias eram feitas

por homens, já que as mulheres eram apenas 10% em empresas jornalísticas até 1950 (Rocha, 2011; Kobori e Pádua, 2016).

A situação foi mudando aos poucos. Em 1986, as mulheres já eram 36% das jornalistas, chegando a 40% dez anos mais tarde (Rocha, 2005. Bacheга, 2011).

De acordo com o Portal Comunique-se, em 2019, as mulheres formavam 36% do quadro profissional da imprensa, com pouco mais de 15 mil profissionais exercendo o jornalismo. (Scardoelli, 2019.).

No radiojornalismo, as mulheres apenas conseguiram espaço depois dos anos 40. Antes, somente faziam parte de programas de auditório, radionovelas ou propagandas (Silva e Weigelt, 2018). Já em 2015, segundo pesquisa realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina e divulgada pela FeNaJ em 2017, elas eram 64% no rádio (Silva e Weigelt, 2018).

Somando rádio e TV, a presença feminina no jornalismo era de 39,23% em 2004, número que subiu para 42% em 2007, (Brasil 247, 2013).

## **2 OBJETIVO**

Estudar a História da mulher no jornalismo brasileiro.

### **2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

Entender como as mulheres ocuparam e permaneceram nos espaços jornalísticos.

## **3 JUSTIFICATIVA**

As mulheres demoraram a ter espaço no jornalismo. Começaram na área por meio de seus próprios empreendimentos, até que foram ganhando espaços nas rádios, TVs e jornais. O estudo dessa inserção feminina no jornalismo se mostra importante para entender de que forma as mulheres ganharam voz e o que foi feito para que elas tivessem mais presença nas redações. O baixo número de pesquisas sobre o assunto e futuros projetos que possam entender como o cenário pode melhorar também incentivam este trabalho.

## **4 AS MULHERES NAS REDAÇÕES E NA REPORTAGEM**

Como exposto na introdução, as mulheres começaram no jornalismo por meio de suas próprias iniciativas. Os jornais feitos por elas defendiam causas como o acesso da

mulher à educação, (Sexo Feminino), o voto feminino e a presença feminina no mercado de trabalho (Corimbo).

Mas a primeira mulher contratada por um veículo de comunicação foi Eugênia Álvaro Moreira. Segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Eugênia começou na imprensa escrevendo para o vespertino “Última Hora”, de Olegário Mariano e Cásper Líbero. A mineira é considerada a primeira jornalista repórter do Brasil (Paiva, baseando-se em Almeida (2007).

Com 16 anos, ela foi contratada pelo jornal “A Rua”, trabalhando também em “A Notícia” e “O País”. (O Estado de S.Paulo, 2005; CPDOC).

A reportagem do Estado de S.Paulo ainda conta que “A Rua” publicará uma pequena nota anunciando o fim da carreira da repórter, que teria se retirado do jornal para viver num convento. Mas ela só havia se afastado para o convento para entrevistar a irmã de uma mulher assassinada em um crime que ficou conhecido como “A Tragédia da Rua Dr. Januzzi 13”. Eugênia não conseguiu a entrevista, mas aproveitou para fazer uma reportagem sobre como era viver num local como aquele, publicada em cinco capítulos durante uma semana, meses depois do “abandono” da carreira.

“Eugênia não era apenas um nome. Representava o avanço do “sexo frágil” em uma profissão que era até então exclusivamente masculina, território para homens destemidos e espertos, na gíria da época para “Matutos” (Paiva, Ana Vitória Reis Coutinho. “A Presença da Mulher no Radiojornalismo Cearense”. Centro Universitário Sete de Setembro, 2013).

Depois de Eugênia, está registrada a atuação de Helle Alves. Com apenas 15 anos, ela já colaborou com poemas e textos para alguns jornais em 1941 (Portal Comunique-se, 2019).

Em 1959, ela ingressou nos Diários Associados, grupo de veículos liderado pelo empresário e jornalista Assis Chateaubriand. Lá, Alves trabalhou como repórter de geral, segundo Rocha (2019). Ela se destacou por ser a primeira repórter a noticiar a morte de Ernesto Che Guevara. (Comunique-se, 2019).

Rocha (2019) ainda destaca que Neusa Pinheiro trabalhou com Cristina Pinheiro (repórter de social), Gracita de Miranda (saúde e associação de mulheres), Margarida Izar e Helle Alves (geral). Neusa era repórter geral e de esportes, a primeira mulher a fazer reportagem esportiva de campo, segundo Rocha (2019).

Em 1954, Aljasira Nery passa a escrever colunas para o “Última Hora”, mas não chega a ocupar um cargo na redação. E, em 1957, começaria a consolidação da mulher num veículo jornalístico, quando Ana Arruda Callado consegue um emprego na reportagem do Jornal do Brasil (Centro de Cultura e Memória do Jornalismo [CCMJ].)

Com apenas um ano no JB, ela recebe o Prêmio Herbert Moses, por uma série de reportagens sobre a reforma agrária. Em 1959, Callado foi homenageada com uma menção honrosa do Prêmio Esso, após um especial sobre a infância abandonada (CCMJ).

Ana Arruda Callado relata que, quando chegou ao Jornal do Brasil, já tinham mulheres repórteres, como Sílvia Donato (polícia) e Clecy Ribeiro (internacional). Além disso, haviam as “noticiaristas”, mulheres que trabalhavam nos Ministérios e mandavam informações para o jornal. (blog Dois Pontos, 2013).

Callado foi a primeira mulher chefe de reportagem do Brasil. Ela ocupou o posto no Diário Carioca (CCMJ).

Enquanto isso, Margarida Izar era pioneira entre as mulheres na reportagem da cidade de São Paulo. (Zanvettor, Kátia. Portal Imprensa, 2012).

Segundo Regina Helena, a década de 1960 foi a da “grande invasão” feminina nas redações (Portal Imprensa, 2012). Ela é autora do livro “Mulheres Jornalistas – A grande invasão”, publicado em 2010. A própria Regina Helena foi uma das pioneiras. Ela formou-se em Jornalismo em 1953 na faculdade Cásper Líbero, logo trabalhando em “O Tempo”, “A Gazeta”, depois partindo para “Folha da Tarde”, “Diário Popular” e “Correio da Manhã” (Portal dos Jornalistas).

Outro salto ocorreu a partir de 1986. Eram 6.176 mulheres nas redações, número ampliado para 9.568, um crescimento de 35,42% (Rocha, 2011).

De acordo com Rocha (2011), esse crescimento se deve também ao grande número de mulheres que passou a cursar jornalismo a partir da década de 1980.

Também houve a feminização dos cursos de jornalismo. As mulheres formavam 67% do quadro de jornalistas na universidade em 1998. De nomes esporádicos, as mulheres agora formavam 37,87% das redações dos jornais. (Rocha, 2011)

Em 2005, comparando apenas os dados do estado de São Paulo, o sexo feminino ocupava 48,5% dos cargos nas redações.

## **5 AS PIONEIRAS DO RÁDIO**

Para que se possa falar das pioneiras do radiojornalismo brasileiro, é preciso entender, primeiramente o que significa ser pioneiro de algo. Em dicionários como o "Aurélio", ser pioneiro significa ser aquele que primeiro abre ou descobre regiões desconhecidas ou que se antecipa ao acontecimento de algo novo. Assim, mulheres como Zita de Andrade Lima podem ser facilmente ser consideradas pioneiras por serem as primeiras mulheres a desbravarem o mundo do jornalismo no rádio brasileiro.

A primeira mulher a assumir o cargo de locutora de rádio foi Maria Beatriz Roquette Pinto, que atuou na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por seu pai, Edgard Roquette Pinto, em 1923. Em seguida, surgiram no rádio brasileiro mulheres como Zenaide Andrea, na Rádio Record de São Paulo, e Natália Perez de Souza, mais conhecida como Elizabeth Darcy (mãe do narrador esportivo Silvio Luiz), na Rádio São Paulo AM. (Mattos e Zuculoto, 2017)

Maria José Antunes de Andrade Lima, mais conhecida como Zita, nasceu no dia 13 de abril de 1924, em Moreno-PE. Formada em Jornalismo (Relações Públicas) pela Universidade Católica de Pernambuco, fez aperfeiçoamento de sua área no Centro Internacional de Estudos de Comunicação Superior na América Latina (CIESPAL) (Paiva, 2015).

Posteriormente, Zita trabalhou como produtora na Rádio Olinda de Recife, diretora do departamento de notícias da Rádio Universidade Federal de Pernambuco, produtora da Rádio Educadora MEC professora de radiojornalismo no Centro de Estudos Universitário de Brasília e também foi diretora executiva do Instituto de Ciências da Informação.

Zita é autora do livro "Princípios e Técnica de Radiojornalismo", publicado em 1970, sendo o primeiro livro sobre radiojornalismo escrito no Brasil e que foi desenvolvido a partir de sua tese de dissertação de mestrado realizada na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, em 1967 (Paiva, 2015).

No radiojornalismo esportivo, Rita Campos Daudt foi a primeira repórter mulher a integrar a equipe da Rádio Gaúcha.

Filha de Militar, Rita nasceu em Santiago do Boqueirão-RS, e foi para a capital Porto Alegre com 17 anos de idade. Em 1972, se formou em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mas foi em 1969 que ela se tornou a

primeira mulher a cobrir esportes no rádio brasileiro, trabalhando como repórter na Rádio Gaúcha.(coletiva.net, 2004).

Diferente de outras mídias, porém, não é possível determinar uma época em que as mulheres ocuparam de vez o radiojornalismo. Além disso, o feminização se mostra mais lenta. Dados de 2005 revelam que, no estado de São Paulo, elas formavam apenas 37,7% do mercado de radiojornalistas. (Rocha, 2011)

Rocha (2011) ainda observa que, assim como no jornal impresso, o radiojornalismo demorou em aceitar primeiro mulheres locutoras, depois jornalistas. A autora do artigo aponta o tradicionalismo desses veículos como um dos fatores.

## **6 AS MULHERES NO TELEJORNALISMO**

Scott (2013) afirma que na TV Tupi, ainda durante os anos 1950, haviam dois programas apresentados por mulheres: O “Revista Feminina” e “No Mundo Feminino”, apresentados por Lolita Rios e Maria de Lourdes Lebert, respectivamente.

Scott também afirma que, apesar de inicialmente estarem em minoria nas redações, as mulheres sempre fizeram parte da história da televisão desde o início, por exemplo, Maria Edith Mendes que foi a primeira mulher a sair às ruas como repórter ou a atriz e redatora, Vera Rossi que foi a primeira mulher a apresentar um telejornal.

Na década de 1960, o Jornal de Vanguarda, que contou com a participação da jornalista Gilda Müller, ficou popularmente conhecido por transmitir um conteúdo considerado “criativo, irreverente e informativo” para a época.

O telejornal Ultra Notícias, da TV Globo, era apresentado por Natália Timberg ao lado de Hilton Gomes, em 1966 (LORÊDO, 2000).

Outro marco na TV brasileira, segundo Gebhardt (2019), foi o programa “TV Mulher”, exibido durante seis anos na Globo SP, na década de 1980.

A primeira Âncora de um telejornal foi Marília Gabriela, em 1988, no Telejornal Brasil, do SBT (Farfan, 2015). Marília já era conhecida pelos programas “TV Mulher” e “Cara a Cara”.

No jornalismo esportivo, segundo Scott, Íris Lettieri foi a primeira a ler uma pauta de futebol. A primeira mulher que narrou uma partida do jogo, foi Luciana Mariano em 1997. A partir daí muitas jornalistas começaram a aparecer com frequência em programas esportivos, de forma mais natural exercendo funções antes ditas como “masculinas”.

A pioneira na bancada do Jornal Nacional foi Sônia Maria, em novembro de 1971 (RIXA, 2000), tornando-se assim uma das figuras femininas mais importantes do telejornal. Destacando-se como “mulher do tempo”, Sandra Annenberg teve destaque na década de 1990.

Outra que também teve grande destaque desempenhando esse mesmo papel foi jornalista Maju Coutinho, que atualmente apresenta o Jornal Hoje. Glória Maria também se destacou na Rede Globo, assim como Ana Paula Padrão e Fátima Bernardes, uma das mais conhecidas apresentadoras de telejornal brasileira.

Na Globo, em 1996 estreou Lílian Witte Fibe, ao lado de William Bonner, na ancoragem do Jornal Nacional (Farfan, 2015). Sandra Annenberg era a apresentadora aos sábados, depois de ter sido, por algum tempo, a “mulher do tempo” (Martino e Zancoper, 2017; Farfan, 2015).

Falando de números, segundo Rocha (2005), com base em dados do Ministério do Trabalho, em 1999 as mulheres formavam 49,69% do quadro de profissionais do Telejornalismo (1.291 dos 2.598 funcionários registrados).

Contabilizando apenas os números do estado de São Paulo, em 2005, as mulheres representavam 42,8% de tele-jornalistas, com 57,2% de homens entre os empregados.

## **7 CONCLUSÃO**

Como pode ser observado, o número de mulheres no jornalismo cresceu conforme a profissionalização da profissão e o aumento no número de vagas, bem como a popularização de novas mídias, incluindo a televisão.

Nota-se como principais períodos de “feminização” a década de 1960, relatada por Regina Helena como “A grande invasão”, e a década de 1990, após o fim da ditadura militar, a popularização dos televisores e o alto número de mulheres em cursos de Jornalismo.

Entretanto, os números absolutos não são capazes de medir, por si só, as desigualdades. Isso é destacado por Thales de Vilela Lelo, em seu artigo publicado na revista “Estudos Feministas”, presente no portal acadêmico “SciELO”. Segundo ela, é preciso também verificar a questão da igualdade de condições e de salários, problemas a serem enfrentados também no mercado de trabalho tradicional.

## REFERÊNCIAS

Casadei, Eliza Bachega. A Inserção das Mulheres No Jornalismo e a Imprensa Alternativa: Primeiras Experiências do Final do Século XIX. Grupo de Estudos Altegor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP). São Paulo, 2011.

Leite, Carlos Alberto Saraiva da Costa. As Pioneiras do Jornalismo Feminino no Brasil. Observatório da Imprensa, 2019. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/memoria/as-pioneiras-do-jornalismo-feminino-no-brasil/>> (Acesso em: 09/06/2020).

Cobori, Nayara; Pádua, Aline Ferreira. Representação e Participação da Mulher no Jornalismo Regional: Ribeirão Preto e São José do Rio Preto (1950-1960). Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Serviço Social do Comércio – SESC. São Paulo, SP, 2016;

(Scardoelli, Anderson. Portal Comunique-se, 08/03/2019. Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/mulheres-jornalistas-minoria/>>. (acesso em: 09/06/2020)

Silva, Luana Beatriz da; Weigelt, Diego. A Mulher no Radiojornalismo Gaúcho: Uma análise das Rádios Bandeirantes, Gaúcha e Guaíba. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) – 2018, Joinville, SC;

Jornalismo, Cada Vez Mais, uma Profissão das Mulheres. Brasil 247, 08/03/2013. (Disponível em: <<https://www.brasil247.com/midia/jornalismo-cada-vez-mais-uma-profissao-das-mulheres>>). Acesso em: 09/06/2020;

Eugênia Álvaro Moreira. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOCB). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenia-alvaro-moreira>> (acesso em: 09/06/2020);

Paiva, Ana Vitória Reis Coutinho. A Presença Feminina no Radiojornalismo Cearense. Centro Universitário Sete de Setembro, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.uni7.edu.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/download/340/432/>> (acesso em: 09/06/2020);

A Tragédia da Rua Dr.Januzzi 13. O Estado de S.Paulo, 3 de fevereiro de 2005. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,a-tragedia-da-rua-dr-januzzi-13,20040205p56624?req=tecnologia/2004/not20040205p56624.htm>> (acesso em: 09/06/2020);

“Morre jornalista que testemunhou Reconhecimento do corpo de Che Guevara. Portal Comunique-se, 01/02/2019. Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/morre-jornalista-que-testemunhou-reconhecimento-do-corpo-de-che-guevara/>> (acesso em: 09/06/2020);

Perfil Ana Arruda Callado. Centro de Cultura e Memória do Jornalismo (CCMJ). Disponível em: <<http://www.ccmj.org.br/perfil/ana-arruda-callado/148>> (acesso em: 09/06/2020)

Ana Arruda Callado. Blog Dois Pontos, 2013. Disponível em: <<https://doisPontosBlog.wordpress.com/entrevistas/ana-arruda-callado/>> (acesso em: 09/06/2020)

Zamvettor, Kátia. “Enfrentei preconceito, mas também encontrei homens que me ajudam”, diz Regina Paiva. Portal Imprensa, 08/03/2012. Disponível em: <[http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/47731/enfrentei+preconceito+mas+tambem+encontrei+homens+que+me+ajudaram++diz+regina+paiva](http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/47731/enfrentei+preconceito+mas+tambem+encontrei+homens+que+me+ajudaram++diz+regina+paiva)> (acesso em: 09/06/2020);

Rocha, Paula Melani; Souza, Jorge Pedro. O Mercado de Trabalho Feminino em Jornalismo: Análise comparativa entre Portugal e Brasil. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2011;

Mattos, Ediane Teles de; Zuculotto, Valci Regina Mousquer. A Constituição Histórica da Presença da Mulher no Radiojornalismo Esportivo Brasileiro. GP Rádio e Mídia Sonora, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa Em Comunicação; 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2017;

Paiva, José Eduardo Ribeiro de. Zita, Pioneira do Radiojornalismo Brasileiro. Rio de Janeiro, RJ, 2015;

Gebhardt, Jéssica Beatriz Backer; Negrini, Michele; Nunes, Christian Dias. A Mulher no Telejornalismo Esportivo: Ponderações sobre o Programa Globo Esporte São Paulo. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas,, RS, 2019. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-54432019000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432019000200008)> (acesso em: 09/06/2020);

Farfan, Tainá Mesquita. Mulher e Telejornalismo: Uma Análise da Presença Feminina na Apresentação ou Ancoragem de Telejornais. Universidade de Brasília, 2015. Brasília, DF.